

A gaveta desinfeliz de Alexandre Eulalio

Carlos Augusto Calil

A descoberta de Borges para Alexandre Eulalio foi uma iluminação. E o raio causador vitimou mesmo na capital portenha, mais precisamente em calle Peña, num dia de março do ano da graça de 1957. Hóspede de seus amigos Mora y Araujo, caiu-lhe nas mãos um exemplar de *El Aleph*, devorado num único bocado. A visita ao escritor no gabinete do diretor da Biblioteca Nacional da *calle* México, os autógrafos religiosamente comentados, os volumes de *El Aleph* e de *Poemas* encapados em untuoso papel manteiga branco, aí estão as premissas de um culto que durou até a morte de Borges, secretamente celebrada com caligrafia desenhada num caderno especial.

O apostolado da nova religião não perdoava nem raça do gentio, nem hierarquia da tribo das letras. Até Augusto Meyer, do alto de sua maturidade, teve de ouvir a pregação e render-se prazerosamente às delícias do gênio apenas descoberto. E Alexandre Eulalio imaginou poder ampliar o círculo restritíssimo dos admiradores brasileiros, mesmo porque se tratava de um autor argentino, com uma versão dos Infames publicada numa revista de circulação entre a intelligentsia carioca e a juventude universitária de então. Surgia assim a tradução que a sofisticada revista *Senhor* estampou em seu número de setembro de 1961 com vinhetas inspiradas de Glauco Rodrigues.

Um problema editorial (seria a prosaica falta de espaço?) suprimiu dois infames para desapontamento do tradutor que não tardou em protestar, por intermédio da pena interposta de Fausto Cunha, numa coluna literária que ambos mantinham no *Correio da Manhã*. Num procedimento muito seu, a contrapelo de qualquer objetividade, AE argumentava contra a exclusão das biografias de Tom Castro e de Monk Eastman com elevada erudição, como a querer demonstrar o evidente caráter arbitrário da exclusão. Essa inútil afetação só vinha comprovar o grau de envolvimento que Alexandre punha nas coisas que promovia.

Desde então, e no bojo de um movimento restaurador do corpus mutilado da obra borgeana, AE batalhou sem sucesso a publicação em livro de sua tradução. Borges com o passar do tempo deixou naturalmente de ser novidade e muito menos exclusividade de uma seita de eruditos, mas Alexandre jamais abandonou a reivindicação de tradutor pioneiro e privilegiado do escritor.

O segundo momento de aproximação de Alexandre com a tradução dos textos de Borges se deu por volta de 1979, quando ele se vê contratado pelo consórcio FMR/Nova Fronteira para supervisionar a edição brasileira dos livros de luxo concebidos por Franco Maria Ricci. Dentre os projetos no prelo, ele se incumbiu de traduzir o volume *El Congreso*, que continha, além do conto então inédito, importante entrevista com o escritor e uma cronologia bastante alentada para a época sobre sua vida e obra.

Iniciada a empresa, foi ela mansamente desativada em meio da terceira revisão dos originais, para perplexidade do tradutor que não perdoou ao amigo Ricci a indelicadeza do silêncio ou a falta de coragem para tratar diretamente dos fatos que o desagradavam na sua sociedade brasileira. Alexandre viu-se de um dia para o outro sem ocupação e sem trabalho, desprevenido financeiramente, amargando uma segunda frustração com respeito a uma tradução de Borges.

Em cada um desses momentos de maior intimidade com Borges, Alexandre aproveitava para treinar a própria dicção literária vertendo aquela língua luminosa, que ele, com desconsolo, via como uma espécie de desligamento progressivo do “neon” altamente estilizado do portenho. Imerso num mundo milionário de espelhos, nosso tradutor reconheceu-se com nitidez em alguma deformação óptica mais ou menos monstruosa, o que lhe permitiu produzir ensaio e crônica ou reflexão sobre o próprio processo de aprendizado do penoso ofício. Dessa fase inicial de deslumbramento restou-nos o saboroso ensaio “O Bestiário fabuloso de Borges”, em que AE incorpora, como sua e natural, a prática do autor de lidar com os monstros de estimação, como se fossem bichos domésticos. Desse período é também “Borges em inglês”, crônica dos primórdios da fortuna anglo-saxônica do escritor sulino, acompanhada por AE com cauteloso resguardo, em vista da inusual devolução de um patrimônio literário em língua forânea. “Paixão

A L. P. P. L.

1957
março

no gabinete dele
da Biblioteca
Nacional

"De la literatura brasileira
conozco unicamente a
Euclides da Cunha, por
quem me interesé através
de la obra de Cunningham
Graham A Brazilian Mystic..."

Autógrafo de Borges. Abaixo, anotação de Alexandre Eulalio:

1957
março
no gabinete dele
da Biblioteca
Nacional

"De la literatura brasileira
conozco unicamente a
Euclides da Cunha, por
quem me interesé através
de la obra de Cunningham
Graham A Brazilian Mystic..."

inaugural”, embora escrita na fase Ricci, dá conta dos problemas enfrentados por certo tradutor outrora inexperiente. Dessa fase, ficou-nos a alusiva “Ampulheta de Borges”, um dos mais eulalianos textos de Alexandre, em que a condensação da escrita converge para o ensaio poético, gênero que tanto tradutor quanto traduzido cultivavam como leitores-escritores. “Tradutor meramente brasileiro” relata a história do amor desencontrado entre Alexandre e o vezo borgeano, que perdurou desde sempre.

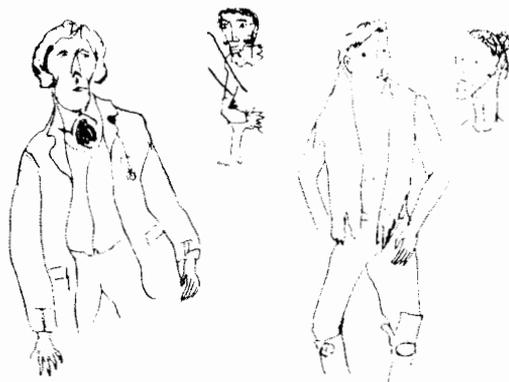
A organização deste número especial de *Remate de Males* implicou a investida, mais uma vez, na inesgotável “gaveta desinfeliz” de Alexandre Eulalio. Reunir materiais dispersos, encontrar eventuais nexos entre eles, comparar versões de um mesmo texto (ele jamais promovia faxina nessa gaveta), optar por uma delas – operação especialmente delicada se a eleita não for a última, aquela eventualmente publicada em vida do autor –, sobretudo revisar ditas traduções, poupando um orgulhoso tradutor das inevitáveis armadilhas da “problemática vizinhança” dos idiomas.

No capítulo das traduções, era nossa intenção publicar aqui a versão completa daquela *História Geral da Infâmia*, então inédita. Mas a oportunidade – surgida graças à solicitude de Jorge Schwartz – de finalmente introduzir AE no rol dos tradutores oficiais de Borges falou mais alto. Esse trabalho está hoje incorporado ao primeiro volume das *Obras Completas*, lançado com sucesso de vendas pela Editora Globo. Tal empreendimento editorial foi contemplado com o prêmio Jabuti de tradução relativo a 1998. Optamos, portanto, por reproduzir aqui a matéria de *Senhor*, acompanhada da análise 1983 dessa tradução, que a austera edição da Globo não permitiu aproveitar. Outras traduções de Alexandre não perfazem um volume sequer; são fragmentos recortados voluntariamente de *Otras inquisiciones*, *Discusión*, *Artifícios*, *El Aleph*, *El Hacedor*, do *Libro de Arena*. O que têm eles de comum? Difícil avançar na hipótese; parecem responder a uma vaga inquietação metafísica, quando não são estritamente verbetes de uma muito pessoal história da literatura.

No plano gráfico, o salvamento do acervo Borges de Eulalio não poderia deixar de ilustrar a elegante concepção visual de Ricci para o volume *El Congreso*. Pedimos licença ao projeto gráfico de *Remate de Males* para introduzir neste número uma referência à

maneira de Parma, com seus caracteres Bodoni, vinhetas Tantra ou provenientes da coleção “Biblioteca de Babel”, dirigida por ninguém menos que o próprio Borges.

Remate de Males em vermelho encarnado cumpre uma segunda missão de resgate. A primeira, em 1993, sob uma delicada faixa verde piscina, falava de uma personalidade múltipla, timidamente abrigada detrás de uma máscara “diletante”, que lhe permitiu jamais especializar-se. A segunda vibra com pretextos borgeanos por uma voz brasileira que não pôde manifestar plenamente em vida sua inelutável vocação de abraçar o mundo com um mero livro.



*Desenho de Borges em El Aleph Borgiano.
Biblioteca Luis-Angel Arango.
Bogotá, Colômbia, julho de 1987.*



Alexandre Eulálio, c. 1957.